

Motta propõe moratória global

Fortaleza — O governador Gonzaga da Motta apelou aos países latino-americanos que se unam num pacto político e agindo em bloco, declararem unilateralmente uma moratória, com negociação simultânea de seus juros, por forma que possam ganhar um prazo razoável — mais ou menos cinco anos — que lhes permita voltar a crescer. "Se não voltarmos a crescer não teremos condições de pagar nem os juros da dívida e caminharemos para uma crise social cada vez mais grave", comentou. Em sua opinião, os países latino-americanos, pelo volume de suas dívidas — cerca de 325 bilhões de dólares, dos quais o Brasil responde por cerca de 30 por cento —, devem ter o direito de impor condições, até porque "nossos credores já tiraram um bom lucro daquilo que devemos".

O governador do Ceará inaugurou ontem a XIV Assembléia Geral Ordinária da Associação Latino-Americana de Instituições Financeiras de Desenvolvimento — Alide, cujo programa sofreu nos últimos instantes algumas alterações. Primeiro, o convidado para a primeira palestra, o ministro Ernane Galvães, da Fazenda, começou aceitando a inscrição de seu nome no programa oficial, para depois anunciar sua substituição pelo presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, que, por sua vez, acabou não participando, sob a alegação de que a reunião do Conselho Monetário Nacional, na segunda-feira, o impediria de viajar na terça, de manhã. Da assembléia participam representantes de duzentas instituições financeiras da América Latina, Europa e Ásia.

Nada de Calote

O governador Gonzaga Motta fez questão de salientar que sua proposta de moratória simultânea negociação dos juros e prazos, não deve ser entendida como uma proposta de calote. "Nada disso. O que acho é que, no caso brasileiro em especial, que devemos quase cem bilhões de dólares, estamos em condições de impor condições para pagarmos, mas sem deixar de crescemos. Porque se não crescemos não vamos conseguir pagar", afirmou. "Mas, esse tipo de decisão e negociação somente se torna possível pela via política, através de negociações entre governos e entidades credoras. Pela via técnico-burocrática essa negociação se torna inviável." Um exemplo dessa inviabilidade é a argumentação de que a moratória resultaria num boicote

de nossas importações essenciais, como o petróleo.

"A América Latina compromete cerca de metade do valor obtido com as suas exportações anuais, orçadas em cem bilhões de dólares, somente no pagamento de juros. Sem superávit comercial e ante a marcante redução da oferta de crédito por parte dos bancos internacionais, os países latino-americanos se mostram impotentes para amortizarem suas dívidas segundo as condições pontuadas". Daí ser da responsabilidade de todos, devedores e credores, a busca de uma solução política negociada, capaz de evitar o agravamento da crise social gerada pelos medicamentos impostos ao tratamento da doença. "Parte de nossa dívida estaria associada às políticas discriminatórias dos países desenvolvidos e aos interesses da comunidade financeira internacional."

Depois da sessão de abertura, Gonzaga da Motta foi à sala de imprensa, tomou cafézinho com os jornalistas, falou alguma coisa de política e mais alguma coisa do Ceará e do Nordeste. "Nós, cearenses, não temos nem como pagar nossa dívida de oitocentos milhões de cruzeiros, dos quais a maior parte ao exterior. O que o Estado arrecada mal dá para pagar o funcionalismo e o mais recente empréstimo que obtivemos no exterior — 75 milhões de dólares foram aprovados, mas somente 52 serão recebidos — vão para pagamento do serviço dessa nossa dívida". E, acusou o governo federal de ser o maior responsável pelas dívidas dos Estados, já que os estimulou a pegar o dinheiro fácil que circulava lá fora, esquecendo que a situação internacional poderia reverter, como veio a acontecer.

Reafirmou sua adesão à candidatura Aureliano Chaves — "Esse é o meu candidato e todo o mundo sabe" e exaltou suas qualidades de homem liberal e amante da democracia, quando assegurou que estará na sexta-feira a receber o ministro Mário Andreazza, do Interior, que vem ao Ceará inaugurar mais algumas obras. Irá recebê-lo no aeroporto e o convidará para almoçar. Aliás, Andreazza estava inicialmente previsto encerrar esta assembléia geral da Alide. O programa, neste ponto, também foi alterado: ele virá, apenas pela manhã, falará aos participantes da reunião, num breve discurso, e não mais estará presente no encerramento, quando o governador Gonzaga Motta voltará a falar.